

Monica James

Viciado no Pecado

Tradução
Victor Antunes

 Planeta

Para o meu maravilhoso marido, Daniel. Pelo canto do olho entrevejo qualquer coisa que começa por AMO-TE.

Obrigada por me fazeres sentir possível, mesmo quando digo que sou impossível.

Primeiro acto

Capítulo 1

Vícios

Dixon

– Não... consigo... deixar... de comer – diz Shamu, *a Baleia*, a ingerir o seu terceiro *Twinkie* numa dentada repugnante.

Devia sentir-me horrorizado com o que a rapariga escandalosamente obesa faz à minha frente com a guloseima, é curioso mas não sinto. Só me consigo concentrar na maneira como a boca gorda e flácida devora o bolo dourado e esponjoso, e imaginar que é o meu membro que ela devora com sofreguidão, e não o maldito *Twinkie*.

Agito-me na cadeira de couro e explico à minha pila que não é o momento de erguer a cabeça pecaminosa; estou aqui para ajudar Shamu, ou melhor, Sharon, a dominar o seu vício.

Recorrendo à definição da sempre disponível Wikipédia, um vício é: «a repetição continuada de um comportamento apesar das suas consequências perniciosas, ou uma disfunção neurológica conducente a esse comportamento».

Sendo assim, o que provoca um vício? O que faz que pessoas como Sharon se entreguem de maneira tão completa e absoluta a qualquer coisa a ponto de não conseguirem viver sem ela? Quero dizer que é ridículo que não nos seja possível parar com certos comportamentos, pois *somos* nós, e mais ninguém, que controlamos os nossos actos.

Pode ser que se trate de um hábito. Mas os hábitos são opções, portanto devíamos poder acabar com eles se quiséssemos. Nesse caso, talvez se trate de recordações reprimidas que nos atormentam e que usamos como

desculpa para nos drogarmos, embebedarmos, contrairmos doenças venéreas ou engordarmos, como no caso de Sharon.

De uma maneira ou de outra, todos temos vícios, sejam grandes ou pequenos, e os seres humanos são entidades complexas que tanto os enfrentam como os varrem para debaixo do tapete e evitam falar neles. As pessoas que querem conversar sobre o assunto, seja qual for o seu vício, vêm falar comigo.

Chamo-me Dixon Mathews, doutor Dixon Mathews, e por 500 dólares à hora qualquer um pode vir descarregar os seus segredos mais negros e profundos e sair do meu gabinete curado e renascido. A maioria só quer ouvir a confirmação de que não há nada de errado consigo e que as suas tendências anormais não constituem, afinal, nenhuma anormalidade. Os meus pacientes recebem-na de mim, um dos mais reputados psiquiatras de Nova Iorque, que a sua necessidade de comerem pêlo de gato ou de se masturbarem em público é normal.

Asseguro-lhes que o meu tratamento lhes há-de curar os comportamentos neuróticos em poucas sessões e que podem voltar a integrar-se numa sociedade cujos membros em nada são mais sensatos do que eles, e caminhar à vontade entre tarados de todas as espécies.

A razão pela qual posso garantir isto é porque a maioria dos que me entram pela porta só quer choramingar e lamentar-se, e assim que se libertam do peso que trazem no peito conseguem ver a luz e acabam com as doidices. À minoria que sofre de problemas sérios, receito as sempre seguras benzodiazepinas para lhes tratar as loucuras, e o mundo agradece-me por ter criado mais um *zombie* associal devorador de pílulas.

Podem dizer que sou um filho-da-puta, mas aos trinta e dois anos sinto-me um tanto cansado e indiferente às escórias da sociedade. E vocês também estariam, se fossem obrigados a ouvir as mesmas histórias, dia sim, dia não, dos ricos mimados que nunca tiveram de trabalhar duramente para ganhar a vida. E, no entanto, vêm até mim com histórias patéticas de agravos e injustiças, sem fazerem a mais pequena ideia da sorte que têm.

Enquanto Sharon vai desfiando o rosário das desgraças da sua vida, volto a reflectir na minha pergunta original. Qual é a origem do vício? Muitos profissionais experientes afirmam que as causas do vício são as

mais variadas, mas que em geral resultam de uma combinação de factores físicos, mentais, emocionais e circunstanciais. Mas eu sei que o vício tem a sua origem num único conceito, primitivo e simples.

O desejo.

Quer o desejo seja de êxito, de beleza, de comida, de álcool, de drogas, de nicotina ou de sexo pornográfico, o resultado final é sempre o mesmo: todos queremos experimentar a euforia que decorre desses factores, e é *nisso* que nos viciamos. O que desencadeia o vício varia de pessoa para pessoa, mas, no fim, todos queremos ser... felizes. E, na maioria dos casos, a satisfação do desejo conduz à felicidade.

As pessoas cuja personalidade tende para o vício são capazes de o elevar a níveis arrepiantes, mas a maioria de nós apenas se entrega ao vício para alcançar essa euforia, a felicidade, porque somos humanos e ansiamos pelo proverbial «felizes para sempre».

Já vos disse que sou bom.

– Doutor Mathews – pergunta Sharon muito baixinho. – Não devia tomar apontamentos?

Aceno com a cabeça e volto a pousar nela um olhar distante.

– Pode contar-me mais alguma coisa acerca do seu pai? – pergunto, a arvorar um sorriso simpático.

E 5, 4, 3, 2... e 1.

Em cheio no alvo. O lábio gordo de Sharon começa a tremer e os seus olhos inundam-se de lágrimas.

– Não há nada para dizer – afirma, a cruzar os braços sobre o peito avantajado, enquanto morde os lábios para sufocar as lágrimas.

– Como descreve a sua relação com ele? – insisto, a cruzar a perna num gesto casual para disfarçar a erecção incipiente que as mamas dela me provocam.

– É boa.

Funga e fecha-se como uma ostra. Os cabelos ruivos e brilhantes encobrem-lhe as lágrimas.

Todos temos o nosso detonador, e já aprendi que nas mulheres com excesso de peso esse detonador é um pai ausente. Não consigo perceber a razão de recorrerem à comida como meio de conforto, mas é possível que a mania de comer preencha um vazio, e digo-o em sentido literal.

Como já disse, podem chamar-me filho-da-puta, pois uma carga de merdas associada ao pai significa uma coisa: tentar encontrar a figura paternal perfeita para preencher esse espaço vazio e desprovido de amor. Estas mulheres procuram inconscientemente um companheiro e usam para isso a ideia que formam sobre o idiota do pai. Ou, em certas circunstâncias, o que procuram é... uma foda.

De súbito, o meu membro fica muito, muito interessado em Sharon Witherstone. Sim, é verdade que deve ter uns vinte e cinco quilos a mais, mas na circunstância raciocino com a cabeça que tenho entre as pernas, pois como já disse todos temos o nosso detonador e, à semelhança de qualquer pessoa, também quero encontrar a minha felicidade. Neste momento, o cúmulo da minha satisfação reside em dobrar Sharon em cima da secretária e fodê-la até mais não poder.

Posso ter um certificado que me habilita a resolver os problemas dos outros, mas não os meus, e sei que sou um caso perdido. Sou um idiota que todos os dias perde de vista quem é, e quem já fui.

Contudo, não sou uma criatura desprezível e faço que mulheres como Sharon Witherstone se sintam bem, pois o sexo sem envolvimento emocional é mais fácil do que... sentir.

Pouso o bloco sobre o braço do sofá, levanto-me, olho para Sharon, e dirijo-lhe um sorriso que sei que lhe desintegrará as cuecas em poucos segundos. Ergue os olhos, e apreendo um lampejo de confusão nos globos cor de esmeralda. No entanto, quando o seu olhar desce pelo meu corpo até ao membro intumescido, a confusão converte-se em... desejo.

A sua pose altera-se e a garotinha do papá revela-se quando se agita na cadeira, a fazer avançar o peito num gesto audacioso. É demasiado fácil, mas prefiro a facilidade ao trabalho árduo de me entregar de alma e coração para mais tarde descobrir que a mulher que amo anda a dormir com o meu melhor amigo.

Portanto, isto é fácil, muito mais fácil.

– Ama o seu pai?

– Não, odeio-o – confessa num murmúrio sedutor, enquanto morde o lábio.

– Oh? Não se importa de me dizer porquê?

Sento-me ao pé dela no sofá de couro, de modo a que os nossos joelhos fiquem separados por poucos centímetros.

– Porque gosta mais da minha madrasta que de mim – responde, o olhar eivado de desejo focado no meu colo, onde a erecção é visível sob as calças largas.

– Lamento ouvir isso – conforto-a ternamente, sem a mínima sinceridade. – Deve ser muito duro para si.

– É sim. Muito *duro* mesmo.

Diz que sim com a cabeça, e sinto um dedinho avançar-me sub-repticiamente pela coxa em direcção à virilha.

Afasto as pernas num gesto de boas-vindas e pergunto:

– Acha que é isso que lhe provoca o vício?

– Que posso eu dizer, doutor Mathews? Quando vejo uma coisa deliciosa à minha frente, não sou capaz de dizer que não – ronrona em voz rouca, a aflorar com os dedos a braguilha esticada.

– Bem, por vezes é bom ceder à tentação.

Já sei, vou parar ao inferno.

A menina Whiterstone não precisa de mais nenhum incentivo para baixar a cabeça, enquanto os seus dedos se atarefam a correr o fecho da braguilha.

Quando a boca quente e faminta me envolve o membro escaldante, fecho os olhos, enojado. Enojado comigo mesmo por me servir de alguém que faço tenção de voltar a ver. Mas nunca disse que era o herói desta história, nem que era um tipo decente.

Quem quer ser *bom* se ser *mau* sabe tão bem?